

DRUMMOND E A ESTRATÉGIA DE NEGAÇÃO

Marcelo Bortoloti
Doutorando em Literatura Brasileira (UFRJ)
marcelobortoloti@gmail.com

RESUMO

Nos poemas em que reflete sobre sua própria poesia, Carlos Drummond de Andrade usualmente a nega. Ele desconfia de sua capacidade de escrita e do valor dos versos que produz. Esta negação, que pode ser um modo de discurso, ligado à ironia romântica, transcende o campo da literatura e aparece também nas entrevistas e na correspondência do poeta. Diante desta transversalidade, somos levados a refletir sobre as origens de tal estratégia de escrita, que pode estar relacionada a um traço mais estruturante da psicologia do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Drummond, ironia romântica, metalinguagem, poesia brasileira

ABSTRACT

When Carlos Drummond de Andrade uses his poems to reflect on his own poetry, he usually denies it. He doubts his writing ability and the value of his verses. This denial, which can be a mode of speech, connected to romantic irony, transcends the field of literature and appears in interviews and in the poet's correspondence. Given this cross-cutting, we are led to reflect on the origins of this writing strategy, which may be related to a more structural feature of the author's psychology.

KEYWORDS: Drummond, romantic irony, metalanguage, Brazilian poetry

“Procura da Poesia”, poema metalinguístico fulcral na obra de Carlos Drummond de Andrade, apareceu pela primeira vez no jornal *Correio da Manhã*, em 16 de janeiro de 1944. Nas semanas seguintes, foi reimpresso em vários outros periódicos e, um ano depois, publicado no livro *A Rosa do Povo* (1945). Desde então é considerado obra chave para reflexão sobre a natureza da poesia. Segundo interpretação mais difundida, o poema traz uma ideia central – a de que a poesia não está nos fatos cotidianos, nos pensamentos ou nos sentimentos do poeta, e sim escondida e agarrada nas palavras, cabendo ao poeta manipulá-las para retirar delas o seu conteúdo. A poesia não está, portanto, no objeto retratado, mas na representação deste objeto no reino das palavras.

O poema é formulado como um discurso no qual um autor experiente se dirige a um poeta aprendiz, indicando onde está e onde não está a poesia. O texto se divide claramente em duas metades. A primeira é fundamentada na negação, em que o autor diz onde não está a poesia, recusando todos os temas e objetos possíveis. A segunda sugere o caminho por onde se pode encontrar esta mesma poesia, ou seja, adentrando no universo das palavras e retirando-as de seu estado bruto.

Numa pertinente interpretação deste poema, o crítico Antonio Candido diz que Drummond sugere ali que para a poesia qualquer experiência não é autêntica em si, mas apenas na medida em que pode ser refeita no universo verbal. Sob esta ótica, o objeto só existe graças à escolha de uma palavra que o designa, e que esta palavra dá ao objeto designado uma segunda natureza, como se o recriasse em um outro plano, este sim poético (CANDIDO, 1970).

“Procura da Poesia” (1945) carrega também um segundo sentido, sobre o qual este estudo se debruça, que é o da negação da obra do autor. Se o poema traz uma mensagem final edificante, de que a poesia está na palavra e não no objeto, o percurso para chegar até aí é de destruição ou diminuição da obra de Drummond. Ao ler o poema como um diálogo, a voz predominante é de um autor experiente que olha para um poeta imaturo dizendo que tudo o que ele fez até ali está permeado de equívocos.

Na primeira parte, a da negação, o autor percorre um itinerário de recusa que toca intencionalmente a maior parte da produção drummondiana. O texto começa com a frase “Não faça versos sobre acontecimentos”, justamente numa época em que Drummond estava com sua produção voltada para os fatos do cotidiano. São deste período poemas importantes como “Carta a Stalingrado” (1945), cuja temática é a resistência desta cidade ao domínio alemão, um dos acontecimentos mais significativos da II Guerra Mundial, e “A morte do Leiteiro” (1945), sobre o assassinato de um entregador de leite, acontecimento em si banal, mas de grande carga poética.

Nos versos seguintes de “Procura da Poesia”, para cada frase existem poemas específicos da produção de Drummond que incorreram diretamente no erro apontado pelo autor. “Não cantes tua cidade, deixa-a em paz” (“Confidência de Itabirano” - 1934), “Não tires poesia das coisas” (“No meio do Caminho” - 1930), “Não dramatizes, não invoques, não indagues” (“José” - 1942), “Não recomponhas tua sepultada e merencória infância” (“Infância” - 1930).

Esta autonegação não é gratuita nem isolada na obra de Drummond. Ao longo dela, o poeta procura zombar de sua produção como uma estratégia de discurso. Para Marlene de Castro Correia, ao desfazer-se de sua própria obra, Drummond parece delinear a concepção de arte como uma alternância entre autocriação e autodestruição. Esta seria uma dinâmica típica da ironia romântica – estratégia formal que enfatiza o caráter ficcional da obra literária e propõe uma reflexão sobre ela – que Marlene identifica em boa parte da obra de Drummond (CORREIA, 2002).

Ocorre que esta negação da própria obra, que fica patente na literatura de Drummond, extrapola o campo da produção artística e aparece em entrevistas, anotações pessoais e na correspondência privada. Drummond desconfia da sua poesia não apenas quando trata dela no corpo do poema, mas também em depoimentos pessoais e textos que estão fora do âmbito ficcional. Neste sentido, a autonegação parece ir além da estratégia de ironia romântica que caracteriza sua obra, para compor um traço de sua personalidade como indivíduo e como escritor.

“Procura da Poesia” é um exemplo sofisticado desta negação, porque neste texto Drummond não se refere nominalmente a qualquer poema de sua lavra. Ele os cita de forma subliminar, num movimento que pode passar despercebido ao leitor com menos intimidade à sua temática. Em outros momentos esta crítica aparece mais evidente, e se dá quando o autor refere a ele próprio como poeta ou ao verso que acaba de escrever. Os exemplos aparecem ao longo de toda a obra de Drummond, com especial ênfase em *A Rosa do Povo* (1945), livro abundante em reflexões sobre poesia.

Um dos primeiros casos em que este traço se manifesta é no poema “Procurador do Amor”, do livro *Brejo das Almas* (1934), onde os versos recém-redigidos são tratados com desconfiança e zombaria. Neste poema, o autor passeia pela cidade em busca de uma mulher que ele imagina existir, mas não a encontra mesmo inspecionando cada bico de seio ou dobra de joelho da multidão de garotas que se insinua pelas ruas. Desiludido, ironiza esta busca vã que resultou em versos também inúteis.

E faço este verso perverso,
inútil, capenga e lúbrico.
É possível que neste momento
ela se ria de mim
aqui, ali ou em Peiping.

(ANDRADE, 2009, p. 67)

Neste caso, o autor zomba do poema que escreveu. Dois livros depois, numa reflexão muito mais densa sobre o ato de fazer poesia, ele questiona de forma sistêmica sua capacidade em lidar com as palavras. Em “O Lutador”, poema publicado no livro *José* (1942), o poeta reflete sobre a luta diária de um escritor com as palavras que emprega, duvidando sempre de sua habilidade neste ofício.

Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,

apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.

(ANDRADE, 2009, p. 122)

No livro seguinte, *A Rosa do Povo* (1945), que é o mais profícuo neste tipo de reflexão, a autocrítica aparece de forma central ou lateral em pelo menos cinco poemas, incluindo “Procura da Poesia”. Em geral, Drummond refere-se ironicamente à sua condição precária enquanto poeta. No poema “O Mito”, ele retorna à temática da mulher ideal mas inexistente, e se acusa por ter feito nascer tal criatura.

Sou eu, o poeta precário
que fez de Fulana um mito,
nutrindo-me de Petrarca,
Ronsard, Camões e Capim.

(ANDRADE, 2009, p. 189)

Em “Cidade Prevista”, ele diz que guardou para uma epopeia que nunca vai escrever. Lamenta seu pobre repertório e valoriza mais o que planejou escrever do que o que deixou escrito.

Guardei-me para a epopeia
que jamais escreverei.
Poetas de Minas Gerais
e bardos do Alto-Araguaia,
vagos cantores tupis,
recolhei meu pobre acervo,
alongai meu sentimento.
O que eu escrevi não conta.
O que desejei é tudo.

(ANDRADE, 2009, p. 242)

No poema que encerra o livro, “Carta ao homem do povo Charles Chaplin”, o autor inicia com uma série de considerações sobre si próprio, quase sempre de caráter

negativo, justificando que era preciso a existência deste poeta menor para dedicar algumas palavras de louvor ao mestre do cinema mudo.

Era preciso que um poeta brasileiro,
não dos maiores, porém dos mais expostos à galhofa,
girando um pouco em tua atmosfera ou nela aspirando a viver
como na poética e essencial atmosfera dos sonhos lúcidos,

era preciso que esse pequeno cantor teimoso,
de ritmos elementares, vindo da cidadezinha do interior
onde nem sempre se usa gravata
mas todos são extremamente polidos
e a opressão é detestada,
se bem que o heroísmo se banhe em ironia,
era preciso que um antigo rapaz de vinte anos,
preso à tua pantomima por filamentos de ternura
e riso dispersos no tempo,
viesses recompô-los e, homem maduro, te visitasse
para dizer-te algumas coisas, sobcolor de poema.

(ANDRADE, 2009, p. 268)

No livro *Claro Enigma* (1951), aparece o poema “Legado”, em que o autor desconfia do tipo de herança que deixará às gerações seguintes. Ele rejeita a permanência de sua obra, e questiona a própria expectativa desta permanência. “Mereço esperar mais do que os outros, eu?”, pergunta o diminuído autor. O poeta conclui com pessimismo:

De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.

(ANDRADE, 2009, p. 305)

Um ano depois, no poema “Obrigado”, do livro *Viola de Bolso* (1952), o já consagrado Drummond ironiza aqueles que porventura ainda reverenciam sua poesia. Ele agradece, “Aos que, de bons, se babam: mestre!/ inda se escrevo o que não preste”. No livro *Fazendeiro do ar* (1954), Drummond retoma a reflexão sobre a natureza da poesia em seu poema “Conclusão”. Aqui, como em “Procura da Poesia”, ele aponta instâncias onde a poesia não está. Mas abandona esta procura, com desânimo por si próprio, em troca da possibilidade de ficar em silêncio.

De que se formam nossos poemas? Onde?
Que sonho envenenado lhes responde,
se o poeta é um ressentido, e o mais são nuvens?

(ANDRADE, 2009, p. 391)

Drummond já era considerado o grande poeta brasileiro, cotado inclusive ao Prêmio Nobel de Literatura, quando publicou “Confissão”, no livro *As impurezas do Branco* (1973). O poema parece ter sido escrito para repelir a imagem criada em torno dele, como se rejeitasse a áurea mítica que lhe foi conferida.

É certo que me repito,
é certo que me refuto
e que, decidido, hesito
no entra-e-sai de um minuto.

É certo que irresoluto
entre o velho e o novo rito
atiro à cesta o absoluto
como inútil papelito.

É tão certo que me aperto
numa tenaz de mosquito
como é trinta vezes certo
que me oculto no meu grito.

Certo, certo, certo, certo
que mais sinto que reflito
as fábulas do deserto
do raciocínio infinito.

É tudo certo e prescrito
em nebuloso estatuto.
O homem, chamar-lhe mito
não passa de anacoluto.

(ANDRADE, 2009, p. 161)

Em um de seus últimos livros, *Corpo* (1984), ele publica o pequeno poema “Lição”, que funciona como um arremate do discurso de desconfiança da sua obra poética. Neste, Drummond conclui que a verdadeira canção cristalina prescinde de um poeta.

Tarde, a vida me ensina
esta lição discreta:
a ode cristalina

é a que se faz sem poeta.

(ANDRADE, 2009, p. 471)

Não é possível afirmar, entretanto, que a poética de Drummond é exclusivamente voltada para esta negação. Há poemas em que ele diz praticamente o inverso. É o caso de “Explicação” (Meu verso me agrada sempre...), “Consideração do poema” (Tal uma lâmina, o povo, meu poema te atravessa) e “A flor e a náusea” (Porém meu ódio é o melhor de mim. Com ele me salvo e dou a poucos uma esperança mínima). Mas a tônica ao longo de toda a obra é a da desconfiança e da negativa.

Se este traço é uma característica da ironia romântica, cujo objetivo seria propor um afastamento e uma reflexão sobre a própria poesia, é curioso observar quando ele extrapola o âmbito poético. Numa leitura das principais entrevistas que Drummond concedeu ao longo da vida, é bastante raro encontrar ocasiões em que o poeta fala de sua produção com alguma complacência. Impera em seus depoimentos também um tom de crítica, e as considerações positivas aparecem apenas em pequenas frestas. Muito desta crítica é irônico, o que fica patente em sua enunciação. Mas na medida em que Drummond foi ganhando fama ele parece cada vez mais empenhado em rejeitar as glórias advindas de sua vasta produção literária.

Em 1942, numa entrevista ao periódico *Vamos Ler*, o repórter pergunta por que Drummond costuma dar declarações contrárias a seus livros na imprensa. O poeta responde com ironia:

Em geral não falo mal dos meus trabalhos. Deixo esta incumbência aos colegas... quando publico alguma coisa, é porque a considero de boa qualidade, é exato que, passado algum tempo, ao relê-la me acontece julgá-la menos favoravelmente; e alguns anos depois, infame. Entretanto, não costumo dizer isso de público, já porque me desmoralizaria, já porque não interessa aos outros. (ANDRADE, 2011, p. 32)

Mais irônico ele se mostra em uma entrevista concedida em 1954 ao jornal *A Semana*. O repórter pede que Drummond conte uma história sobre algum de seus poemas. Ele responde: “Era uma vez um sujeito que não sabia fazer versos. Publicou dez volumes de poesias...” (ANDRADE, 2011, p. 71). A esta altura Drummond era já um poeta inegavelmente consagrado. Nas entrevistas seguintes, sempre que o interlocutor menciona tal consagração literária, o poeta rejeita o título de maneira por vezes veemente. Em 1979, numa entrevista ao jornal *O Globo*, o entrevistador diz que ele é o maior poeta da língua portuguesa. Drummond contesta: “Bem, vamos deixar de exageros. Eu me considero, no máximo, o maior poeta vivo da rua onde eu moro, onde, aliás, não me consta que exista outro poeta” (ANDRADE, 2011, p. 98). Um ano depois, em entrevista à revista *Veja*, volta a falar com desconfiança de sua produção, num julgamento bastante severo:

Acho minha obra uma obra falha, uma obra que podia ser melhor. Ela não teve um desenvolvimento assim consciente, lógico. Fui levado pela intuição e pelo instinto, pelas emoções do momento. Não creio muito na validade dessa obra (ANDRADE, 2011, p. 120).

Neste mesmo ano, em declaração ao *Jornal Hoje*, da Rede Globo, Drummond volta a rejeitar o título de poeta maior:

Eu protesto contra essa designação de poeta maior. Isso não tem sentido. As pessoas são poetas. Às vezes se esforçam por serem poetas. E mesmo os bons poetas deixam de sê-lo, esquecem e fazem coisas tão vulgares, tão banais, se repetem (ANDRADE, 2011, p. 125).

A desconfiança fica novamente patente na entrevista que o poeta concedeu à crítica literária Bella Jozef, publicada em *O Globo* no ano de 1982. Como em “Procura da Poesia”, Drummond reforça sua crença no poder das palavras, mas questiona a própria capacidade de lidar com elas:

A palavra para mim é tudo. Minha ferramenta de trabalho e produto desta ferramenta. Não desconfio dela, mas de minha capacidade de usá-la com propriedade, o rigor e a sutileza que o trabalho literário deve exigir do escritor. (ANDRADE, 2011, p. 155)

Em outra entrevista publicada no jornal *O Globo*, no ano de 1984 e concedida à sua filha, Maria Julieta, Drummond se denomina um infiel ou um mau cultor da poesia. Ele lamenta não ter se dedicado a ela com a devoção necessária, tendo elaborado sua produção de forma mais instintiva que metódica:

[...] me considero um mau cultor da poesia, pois nunca me dediquei a ela como um valor superior. Nos primeiros tempos, fiz uma poesia de que necessitava para me expurgar e exorcizar, expulsando os meus demônios. Fiz isso instintivamente, valendo-me do verso livre, e obtive dela esse benefício. A que faço hoje, embora amarga, como é o fundo do meu espírito, é bem menos grave e agressiva. (ANDRADE, 2011, p. 169)

Em 1985, num depoimento ao escritor Humberto Werneck, publicado na revista *Isto É*, o poeta levanta uma acusação que dificilmente poderia se imputar à sua poesia – a de que produz versos fáceis e emotivos demais. Ele conclui com outra acusação severa para sua obra, admitindo que não tem capacidade para produzir algo que seja fruto de reflexão:

Não costumo escrever sem emoção, podem achar que a minha poesia é demasiado fácil, demasiado assim, lacrimogênea; eu produzo emoção, eu quero comover, mas a realidade é que eu não sei fazer poesia pensada, não tenho capacidade para isso. (ANDRADE, 2011, p. 210)

Naquela que foi, salvo engano, a última grande entrevista de Drummond, concedida ao jornalista Geneton de Moraes Neto e publicada no *Jornal do Brasil* em 1987, ano de sua morte, o poeta avalia de forma bastante pessimista sua consagração, que naquele momento era incontestável. Desconfiando ainda de sua poesia, e mais do que isto, dos caminhos que o levaram ao cânone, ele diz que sua fama não advém de um julgamento puramente literário:

A maioria das pessoas que me consideram o maior poeta brasileiro não leu o que eu escrevi. Ouviram falar. Como acham que fulano de tal é o maior craque de futebol, o outro fulano é o maior compositor, o outro é o maior pintor, eu fiquei sendo o maior poeta por um julgamento que não é um julgamento literário: é uma opinião transmitida socialmente, mas sem nenhuma ponderação crítica. Nunca me julguei nem julgo, e digo mais: não sei qual é o maior poeta brasileiro de hoje nem de ontem. Para mim, não há maiores poetas. Há poetas. E cada poeta é diferente dos outros. (ANDRADE, 2011, p. 218)

A desconfiança em relação à própria obra, que apareceu na produção poética, que aparece nas entrevistas, pode também ser observada na correspondência privada de Drummond. É raro encontrar em suas cartas alguma autoafirmação de sua poesia. O discurso epistolar do poeta, levando em conta apenas as cartas publicadas ou os arquivos acessados para este estudo, apresenta três características principais, todas elas tendendo para a negatividade: insegurança sobre os poemas que está produzindo; negação, por vezes irônica, do que já produziu ou de seu modo de produção; julgamento duro, por vezes severo demais, sobre a própria condição de poeta.

Cada uma destas características surge em momentos distintos de sua correspondência, com interlocutores também distintos. Drummond mostra-se um poeta inseguro com alguma frequência nas cartas que trocou com Mário de Andrade. Isto não poderia ser diferente, já que Mário foi uma espécie de tutor do poeta na sua iniciação. Mas em 1944, depois já de ter publicado quatro livros, Drummond escreve ao amigo paulista demonstrando ainda esta insegurança:

Aliás, se eu não lhe mandava regularmente tudo que era verso meu, era apenas por que respeitava o seu trabalho e tinha sempre o receio mineiro de chateá-lo. Mas para mim é de uma importância capital ter um leitor íntimo como você, que ajuda a gente a ver claro e conserva aquela capacidade cruel e carinhosa de meter o pau no eu merece ser esculhambado. (ANDRADE; ANDRADE, 2002, p. 536)

Com o amigo Abgar Renault, com quem trocou cartas ao longo de toda a vida, Drummond compartilha dúvidas como as que constam nesta missiva enviada em agosto de 1951:

Você não escapará, miserável, de ler os meus versos e opinar sobre os casos difíceis que lhe tinha reservado. [...] O título que era “Poemas Coloquiais”, passou a “Poemas Interiores”, e agora oscila entre “O real impossível”, “Profissão humana”, “Ofício de viver”, “Claro enigma”, “Rosto de madureza”, “Negação das cousas”, “Negação do tempo” e... chega. Dê o seu palpite franco, para livrar-me de tanta perplexidade (ANDRADE, Carlos Drummond. Carta inédita, Fundação Casa de Rui Barbosa, arquivo Abgar Renault).

Uma outra vertente do discurso epistolar de Drummond é a negação algo irônica daquilo que produziu. O tom é bastante similar ao que aparece nas entrevistas. No trecho abaixo, de carta enviada ao poeta João Cabral de Melo Neto em fevereiro de 1940, é nítida a intencional redução das qualidades do livro que escreveu. O trecho é interessante porque traz lado a lado o tipo de comentário que ele reserva a obras de terceiros – sempre complacente e elogioso – e o que dedica à sua produção – em geral buscando diminuir a importância da obra.

Soube por Murilo que você está embarcando para Pernambuco. Assim, não tenho remédio senão mandar-lhe por portador os seus belos poemas, que acusam no autor uma tão aguda capacidade de captar as vibrações do nosso tempo e de interpretá-las liricamente.

Vai também o meu velho livro de versos, de interesse antes arqueológico... (MELO NETO, 2001, p. 159).

Por vezes, esta tentativa de diminuição tem como objeto o seu próprio modo de fazer poesia. Em carta escrita a Otto Lara Resende em fevereiro de 1979, Drummond desconfia de sua capacidade de reflexão:

Já escrevi à sua amiga Zezé colocando-me à disposição da dita para esclarecimentos sobre minha versalhada. Mas previno-a: não sou de funduras filosóficas, e faço poesia como meu pai plantava milho e tirava leite de vaca: fazendo (ANDRADE, Carlos Drummond. Carta inédita. Instituto Moreira Salles, acervo Otto Lara Resende).

Em carta ao amigo Cyro dos Anjos, o poeta rejeita a fase política de sua produção poética. Novamente usa a designação pejorativa “versalhada”, e diz sentir nojo de um dos momentos mais profícuos de sua poesia, que culminou no livro *A Rosa do Povo*. Diz o trecho da missiva de janeiro de 1954:

Também ando preparando para o José Olympio uma edição de poesias completas, por sinal que com certo nojo da fase política de minha versalhada, que pensei até em suprimir, mas, refletindo melhor, achei acertado manter, publicando talvez uma nota explicativa (ANDRADE; ANJOS, 2012, p. 192).

Quase duas décadas antes, ao mesmo amigo Cyro dos Anjos, Drummond avaliava de maneira bastante dura sua existência até ali. Em novembro de 1936, escreveu:

Minha vida é bastante escrota para que eu tenha a pretensão de ocultar a verdade. Você me perdoará – e dirá amavelmente que não, que sou o grande poeta da Floresta, etc. Ao que darei uma banana pra você e outra para mim mesmo e me confessarei eternamente perturbado (ANDRADE; ANJOS, 2012, p. 91).

Perturbação, incerteza e julgamento duro sobre si próprio também aparecem em carta de 1931, escrita a Alceu Amoroso Lima. Em tom de confissão, Drummond se pune ao longo de toda a missiva, lamentando sua infância, suas tendências individuais e sua educação. Por fim, se mostra pessimista quanto ao alcance de sua poesia.

Não tenho nenhuma cultura. Tenho livros, quase tudo literatura de ficção, poesia, mas leio pouco e sinto mesmo dificuldade em ler. Escapam-me algumas humanidades essenciais. A curiosidade que sinto por certos estudos esbarra na falta de método para empreendê-los. Literariamente, eu supus a princípio que devia orientar-me na prosa, que era em mim apenas o plágio de autores brasileiros insignificantes. Com o advento do modernismo fiz poesia e nela me fixei, como sendo a minha verdadeira expressão literária. Com o tempo, verifiquei que meus versos são apenas a transposição de estados íntimos quase sempre dolorosos, e hoje o que faço é só isso, apenas isso: confissão direta, ou quase, de mágoas, desvarios e desejos não realizados, reflexo dos fatos da minha vida sentimental. Quase não posso publicar esses versos porque isso equivaleria a me mostrar nu no meio da rua (ANDRADE; LIMA, 2014, p. 60).

Escrita evidentemente em um momento de autflagelação, esta carta, embora dura, pode ajudar numa reflexão sobre o procedimento de desconfiança e negação que permeia todos os discursos de Drummond. Se dentro da produção poética este traço pode ser lido como uma estratégia irônico-romântica, quando ele extrapola o âmbito da ficção e aparece também nas entrevistas concedidas à imprensa, seu contexto é diferente. Neste caso, Drummond adota um discurso que pode ser associado a um excesso de modéstia de sua personalidade. Aqui, ainda é impossível avaliar se por trás deste discurso público existe uma estratégia calculada com objetivo de causar algum efeito específico no interlocutor, ou se é apenas uma expressão livre do seu pensamento.

Contudo, esta negação adentra também o âmbito privado de sua fala, repetindo-se na correspondência pessoal, onde é razoável supor que o poeta pudesse se abrir de forma mais sincera e livre de constrangimentos. Ainda que um escritor que troca cartas saiba que estas podem vir a ser publicadas no futuro, é possível inferir que na intimidade da correspondência ele esteja mais à vontade para a confissão.

A leitura destas cartas sugere que o sentimento de desconfiança atravessa todas as falas de Drummond. O poeta surge ali tomado por uma insatisfação interna que, sendo um traço inalienável de sua psicologia como ser humano, é despejada também em sua poesia. Mais que uma estratégia calculada de discurso, este posicionamento da negatividade parece advir de uma característica estrutural de sua própria personalidade. Seria uma insegurança “autêntica”, ainda que nos poemas e declarações públicas possa parecer uma insegurança simulada. Foi o português Fernando Pessoa quem escreveu que o poeta é um fingidor tão completo que finge ser dor uma dor que de fato sente. Neste sentido, Drummond parece simular na sua poesia uma autodesconfiança que lhe é antes de tudo verdadeira.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova Reunião, 23 livros de poesia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009

_____. *Encontros: entrevistas*. Rio de Janeiro: Editora Azougue, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário. *Carlos & Mário*. Rio de Janeiro: Editora Bem-te-vi, 2002

ANDRADE, Carlos Drummond de; ANJOS, Cyro dos. *Cyro & Drummond*. São Paulo: Editora Globo, 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de; LIMA, Alceu Amoroso. *Correspondência*. Organização Leandro Garcia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CÂNDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

CORREIA, Marlene de Castro. *Drummond: a Magia Lúcida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MELO NETO, João Cabral de. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Recebido em 21 de fevereiro de 2015

Aceito em 06 de junho de 2015

Como citar este artigo:

BORTOLOTTI, Marcelo. "Drummond e a estratégia de negação". **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 20, jan.-jun. 2015. p. 107-121. Disponível em:

<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num20/dossie/palimpsesto20dossie08.pdf>.

Acesso em: *dd. mm. aaaa*. ISSN: 1809-3507.